

# Rockefeller vai conseguir Poder como vice?

Ricardo A. Setti

Não há nenhum exagero em dizer que, segundo a Constituição dos Estados Unidos, o vice-presidente da República, enquanto tal, é pouco mais que um pobre diabo: sua principal função é presidir o Senado, sem direito a voto — com exceção de um eventual e raríssimo voto de Minerva.

Com a sucessão avassaladora dos últimos acontecimentos em Washington, porém, tudo indica que Nelson Rockefeller, escolhido pelo presidente Gerald Ford para preencher o cargo vago, deverá ter funções mais transcendentes: além de sua forte personalidade e grande experiência em assuntos internos e internacionais, deve-se esperar do próprio Ford iniciativas para valorizar a Vice-Presidência. Deverão contribuir para tanto a recente e dramática experiência do novo presidente (escolhido vice no fim do ano passado, ele desde então não deixou de preparar-se para assumir a Casa Branca, percorrendo 40 Estados e quase 200 mil quilômetros e inteirando-se dos problemas de cada Departamento do Executivo junto ao seu próprio titular) e o fato, inédito na história dos Estados Unidos, de que Ford e Rockefeller são os primeiros a ocupar os respectivos cargos sem terem sido eleitos. Não seria de se estranhar, pois, que Ford tratasse, daqui para a frente, de utilizar-se devidamente do prestígio e da bagagem política de seu vice.

A disponibilidade e o ócio político e administrativo dos vice-presidentes têm preocupado constitucionalistas, políticos em geral e alguns presidentes. Alguns dos melhores filmes políticos de Hollywood incluíram o assunto entre seus temas. (Um bom exemplo é **Tempestade sobre Washington**, com Henry Fonda, Don Murray, Walter Pidgeon e Gene Tierney, entre outros).

## UMA SITUAÇÃO ABSURDA

Na realidade, a situação é absurda, já que o vice é — **efetivamente** — o segundo homem do governo, e os precedentes históricos constituem uma evidência impressionante: antes de Gerald Ford, um terço dos 36 homens que presidiram os Estados Unidos foram vice-presidentes, que governaram o país durante 58 dos 185 anos decorridos desde a eleição de George Washington. E vários enfrentaram algumas das mais sérias crises do país: o presidente Andrew Johnson, por exemplo, herdou uma nação dividida e abalada depois do assassinato de Lincoln, em 1865, que por sua vez se sucedeu à Guerra Civil; Harry Truman sucedeu a Franklin D. Roosevelt em plena Segunda Guerra Mundial e acabou responsável por uma atitude tão decisiva e drástica como a ordem de lançar bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki; Lyndon Johnson herdou de John Kennedy, em 1963, a questão do Vietnã, e ampliou a guerra que, provocando uma intensa divisão na sociedade, levou a nação — como já se disse — à situação de perdê-la dentro de suas próprias fronteiras.

Oito vice-presidentes chegaram à Casa Branca devido à morte do presidente. Desses oito, quatro assumiram em razão de assassinatos: Andrew Johnson, quando Lincoln foi morto num teatro em Washington, em 1865; Chester A. Arthur, com o assassinato de James Garfield, numa estação ferroviária de Washington, em 1881; Theodore Roosevelt, depois que William McKinley foi morto em 1901 por um anarquista, durante uma exposição em Buffalo, Nova York; e Lyndon B. Johnson, após a morte de John F. Kennedy em Dallas, Texas, em 1963.

A morte natural de presidentes levou quatro vices ao poder: John Tyler, após apenas quatro meses de governo de William Henry Harrison, em 1841; Millard Fillmore, que sucedeu em 1850 a Zachary Taylor; Calvin Coolidge, após a morte de Warren G. Harding, em 1923, e Harry S. Truman, que substituiu Franklin D. Roosevelt em 1945.

Os quatro vice-presidentes que completaram períodos presidenciais neste século elegeram-se, em seguida, para um mandato próprio: Theodoro Roosevelt, Calvin Coolidge, Harry Truman e Lyndon Johnson.

Outro paradoxo que cerca a condição do vice é que, cedo ou tarde, e apesar de tudo, ele acaba candidato a presidente. Richard Nixon foi eleito em 1968 depois de ter sido por duas vezes (1952 e 1956) vice de Dwight Eisenhower, e após perder a eleição de 1960 para Kennedy. Hubert Humphrey, vice de Johnson, foi candidato contra Nixon em 1968. Spiro Agnew, duas vezes vice de Nixon, era tido como forte candidato, até renunciar em outubro passado após não contestar uma acusação sobre sonegação de imposto e em troca de não ser processado por outros delitos.

## O QUE FAZ UM VICE

Além de presidir o Senado e ter, lá, apenas o voto de Minerva, tudo o que a Constituição originalmente atribuía ao vice-presidente, como tal, era a pouco gloriosa função de abrir os certificados que (ainda hoje) revelam quais os mem-

bro do Colégio Eleitoral que depositaram seus votos, nas eleições para a Presidência.

É claro que sua função potencial principal era a de ser substituto do presidente em caso de morte. A Constituição dispunha também que no caso de incapacidade do presidente, seus poderes deveriam passar ao vice. Mas não indicava nenhuma autoridade competente para determinar essa incapacidade. Assim, a Presidência esteve em crise várias vezes, com as funções oficiais do chefe do governo praticamente suspensas, como durante a longa (80 dias) agonia do presidente Garfield, em 1881, depois da trombose sofrida por Woodrow Wilson, em outubro de 1919, e durante três graves doenças do presidente Eisenhower: um ataque cardíaco de que levou semanas para se recuperar, em setembro de 1955, uma cirurgia, em junho de 1956, e outro ataque cardíaco, em novembro de 1957.

O problema agora está equacionado na 25ª Emenda à Constituição, aprovada em 1967 — a mesma que instituiu o sistema pelo qual Ford e Rockefeller foram indicados, sucessivamente, para vice. O vice-presidente sucede interinamente o presidente se este declara a sua incapacidade ao presidente interino do Senado e ao presidente da Câmara, ou se o vice-presidente e a maioria dos membros do Gabinete declaram a incapacidade do chefe do governo. O próprio presidente comunica ao Congresso a cessação da incapacidade. Se houver divergência a 25ª Emenda contém normas para solucioná-las.

Antes da 25ª Emenda, também não existia nenhum dispositivo constitucional para a substituição do vice-presidente, embora este cargo já tivesse ficado vago oito vezes. (Sete dos 39 vice-presidentes, antes de Gerald Ford, morreram no exercício do cargo. Um oitavo, John C. Calhoun, renunciou depois de divergências com Andrew Jackson sobre os direitos dos Estados. A 25ª Emenda foi aplicada pela primeira vez com a renúncia de Agnew, e está sendo utilizada novamente com a subida de Ford ao poder e a indicação de Rockefeller para seu lugar.)

As demais funções do vice-presidente, atribuídas pela lei federal ou por determinação do presidente, são de uma modéstia constrangedora: cabe a ele presidir o Conselho Presidencial de Oportunidades para os Jovens, a Comissão de Oportunidades Iguais de Emprego, a Comissão Consultiva para os Voluntários da Paz e o Conselho Nacional de Aeronáutica e Espaço. Normalmente, ele realiza uma série de nem sempre bem sucedidas viagens de "boa vontade" pelo exterior e, por vezes, assume encargo ingratos por delegação do presidente — como o ex-vice Spiro Agnew que emitia sobre a Imprensa, o Congresso e outros setores da vida norte-americana uma série de opiniões que, segundo se sabe, eram frequentemente compartilhadas por Nixon, exceto quanto aos ônus.

O vice-presidente, hoje em dia, também preside reuniões do Gabinete na ausência do chefe do governo — mas isto é tão raro que poucas pessoas devem se lembrar que a função existe. A partir de Truman, o vice costuma participar das reuniões do Conselho de Segurança Nacional — mas como convidado.

De um modo geral, salvo esforços isolados, os presidentes não se preocuparam muito com seus vices — exceto quando estes, eventualmente, passavam dos limites: John Adams convidou Thomas Jefferson a assistir às reuniões do Gabinete, mas a prática só foi restabelecida formalmente mais de um século depois, com Wilson. (O vice Thomas Marshall chegou a presidir sessões do Gabinete, enquanto Wilson assistia à Conferência de Paz de Paris). Calvin Coolidge, vez por outra, participava das reuniões do presidente Harding com seus secretários. John Garner, primeiro dos vices de Franklin Roosevelt, desempenhou um importante papel na ligação com o Congresso. Henry Wallace, seu segundo vice, presidiu a Junta de Bem-Estar Econômico e realizou missões no Exterior. Nixon, como vice de Eisenhower, visitou 54 países e teve uma atuação política e eleitoral energética, além de ter mantido o célebre "debate da cozinha" com Krushchev, em 1958, em Moscou. Johnson teve uma discreta atuação como vice de Kennedy (ambos foram adversários políticos até a eleição), e o prestígio de Humphrey não foi suficiente para que ele tivesse uma importância acima da secundária. Agnew, apesar de sua agressividade e caráter combativo, na verdade pouco ou nada tinha a fazer em termos executivos. Ford, finalmente, utilizou seus poucos meses no cargo numa preparação discreta e eficiente para o que desse e viesse — e que finalmente, como se sabe, veio.

Cabe a Rockefeller, em colaboração com Ford, tentar mudar a feição do cargo — o que a peculiaridade da situação dos dois talvez termine, finalmente, por permitir.